

IMPrensa ACREANA: UM ESTUDO SOBRE A IMPORTÂNCIA DO JORNAL A TRIBUNA PARA O JORNALISMO DO ACRE¹

Tatyana Sá de Lima²

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo desenvolver um breve estudo sobre a história de um dos jornais impressos mais importantes do Acre: o jornal *A Tribuna*. Criado em um momento de grandes tensões políticas, este periódico surgiu com a proposta de informar seus leitores, através de matérias bem elaboradas, por vezes bem extensas. Um grupo de profissionais experientes do jornalismo acreano fez parte da equipe que compôs as primeiras edições, entre eles o jornalista José Chalub Leite. A pesquisa fez um passeio ao longo dos anos de existência do jornal, mostrando como o periódico acompanhou fatos marcantes da história acreana e o que mudou na sua estrutura com a chegada do século XXI. Um breve histórico do surgimento do jornalismo no mundo, a chegada da imprensa no Brasil e alguns principais fatos do jornalismo impresso acreano, antecedem o estudo sobre a história do jornal *A Tribuna*, fundado em 1993 e sobrevivente da difícil época que os jornais escritos passam nos dias de hoje.

PALAVRAS-CHAVE: jornal; *A Tribuna*; jornalismo; imprensa.

ABSTRACT

This work has the purpose to develop a short study on the history of one of the most important newspapers printed from Acre: the newspaper named *A Tribuna*. Created in a moment of great political tension, this newspaper was elaborated with the purpose to inform the population in a very partial way, through well elaborated reports. An experienced group of journalists from Acre was part of the group that composed the first editions, including the journalist José Chalub Leite. This work shows how the newspaper accompanied striking facts of Acre's history and what has changed in the 21th century. A brief history of the emergence of journalism in the world, the arrival of the press in Brazil and some major facts of the press in Acre, precede the study on the history of the newspaper *A Tribuna*, founded in 1993 and survivor of the difficult time that the newspapers pass nowadays.

KEYWORDS: newspaper; "A Tribuna"; journalism; press.

Introdução

No Brasil, a imprensa teve realmente seu início com a chegada da família real portuguesa ao Brasil, em 1808. Até então, toda e qualquer atividade de imprensa - fosse a publicação de jornais, livros ou panfletos - era proibida. Esta era uma peculiaridade da

¹ Monografia apresentada em fevereiro de 2008. Estudo realizado entre outubro de 2007 e fevereiro de 2008.

² Graduada em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal do Acre (UFAC), especialista em Metodologia do Ensino Superior pela União Educacional do Norte (UNINORTE), cursando especialização em Comunicação e Jornalismo pelo Centro Universitário de Araraquara (UNIARA), professora do curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal do Acre (UFAC).

Coroa Portuguesa. Nas demais colônias européias a imprensa se fazia presente desde o século XVI. Oficialmente a imprensa foi inaugurada no país com o *Correio Brasiliense*, em 1º de julho de 1808. A *Gazeta do Rio de Janeiro*, o jornal oficial, data de 10 de setembro de 1808.

No Acre, a imprensa chegou em 1901, quando o estado estava no auge da corrida pela borracha e na luta para ser independente da Bolívia. O primeiro jornal a circular em território acreano foi o “El Acre”, editado e impresso em Puerto Alonso, hoje Porto Acre. Assim como aconteceu nos primeiros anos da imprensa no Brasil, nos quais o jornalismo era utilizado como forma de provocar e instigar ideais políticos, no Acre não foi diferente. Após seu surgimento a imprensa acreana se expandiu e milhares de títulos começaram a circular não só pela capital Rio Branco, como também no interior.

O jornal *A Tribuna*, objeto desta pesquisa, surgiu já no século XX, em 1993, quando a imprensa em todo o mundo já estava estabilizada e passaria mais a diante por um grave problema: a ameaça do jornalismo *online* e a diminuição a cada ano do número de leitores. Mesmo assim, *A Tribuna* inovou em vários aspectos, entre eles o gráfico e a busca declarada por matérias que fossem “a voz do povo”, ou buscava ser, como dizia seu *slogan* de inauguração: “o jornal dos acreanos”.

Início do Jornalismo acreano: entre a política e prática artesanal

Diferente do atraso na chegada da Imprensa no Brasil, o Acre presenciou o surgimento de sua imprensa logo nos primeiros anos de sua criação. Oficialmente a imprensa acreana existe há 107³ anos, desde 1901, quando o estado estava no auge da corrida pela borracha. O primeiro jornal a circular em território acreano foi o “El Acre”, editado e impresso em Puerto Alonso, hoje Porto Acre. Assim como acontecia nos primeiros anos da imprensa no Brasil, na qual o jornalismo era utilizado como forma de provocar e instigar ideais políticos, no Acre não foi diferente. De acordo com o jornalista José Chalub Leite, em um artigo publicado na primeira edição do jornal *A Tribuna*, datada de março de 1993, o objetivo do “El Acre” era incitar o intuito da Bolívia em ocupar o Acre.

³ Dados de 2008.

O El Acre era destinado a trombetar os atos das forças de ocupação do chamado país vizinho, irmãos e amigos do Brasil. A circulação perdurou de 1901 a 1902, enquanto vigiou o incerto domínio de *los hermanos* no Acre. (LEITE, 1993).

Em 1904, no seringal Capatará, surgiu o primeiro jornal essencialmente acreano, *O Acre*. Para LEITE (1993) o povo acreano nunca ficou sem jornal, sejam eles de cunho oficial, panfletário, cultural ou político, ligados ao governo ou independentes.

Os jornais impressos no Acre eram de todos os tipos e tamanhos. Modelos “in quarto”, folhas enormes compostas em corpo oito, impressos em papel de linha d’água ou papel de embrulho, e com circulação semanal, quinzenal, mensal ou até mesmo anual. Assim como nos dias de hoje eram veículos pouco formadores de opinião e mais a favor dos poderosos dispostos a pagar pela divulgação da informação mais conveniente.

Quanto à produção, esta era quase que artesanal. Os jornais eram impressos em máquinas de pedal que punham à prova a força física página por página. Os redatores possuíam amplo domínio da língua portuguesa, o que se evidenciava pelos artigos e notícias repletos de uma linguagem rebuscada e formal.

A evolução do jornalismo impresso no Acre

Em um artigo publicado também na primeira edição do jornal “A Tribuna”, José Chalub Leite apresentou um importante histórico dos muitos periódicos que circularam no Acre. Um deles foi o jornal *O Acre*, que não era o mesmo criado em 1904, mas sim a versão de 1929, surgida no governo Hugo Carneiro. Este foi o semanário oficial mais longo e com objetivo exclusivo de noticiar os atos governamentais e judiciários. No governo Wanderley Dantas, *O Acre* acabou e se transformou no *Diário Oficial do Estado*.

O município de Xapuri também teve seu “O Acre” em 1907. E ainda em 1902, circulou no Estado do Rio de Janeiro “O Acre”, um órgão patriótico. “O Acreano” foi outro impresso de Xapuri, em 1907. Em 1913, o partido Construtor Acreano editou, também no município de Xapuri “O Alto Acre”.

Outros periódicos importantes foram “O Alto Purus”, (Sena Madureira, 1908); “Brasil Acreano”, (Sena Madureira, 1909); “O Bandeirante”, (Rio Branco, 1953); “Cidade Empresa”, (Rio Branco, 1910); “A Gazeta do Purus” e “O Estado do Acre”, (Sena Madureira, 1902); “O Município”, “O Departamento”, “A Reforma”, (Tarauacá,

1910,1915 e 1918 respectivamente); “ O Correio do Acre” ,” O Oeste” e “O Guarani”, (Xapuri, 1910 ,1949 e 1980);” O Cruzeiro do Sul”, “O Rebate” e” O Juruá”, (Cruzeiro do Sul, 1906, 1921 e 1953). Em Rio Branco centenas de títulos surgiam e desapareciam com a mesma velocidade. Destacaram-se: “Jornal do Povo”, “Correio do Acre”, “O imparcial”, “Correio do Oeste”, “A Vanguarda”, “O Servidor”, “Folha do Acre”, “A Folha”, “Tribuna do Povo”, “A Gazeta” (1968), “O Normalista”, “A Bola”, “Folha Oficial”, “O Jornal” (primeiro off-set⁴ do Acre), “O Estado”, “O Estado do Acre”, “Jornal do Povo”, “Correio Estudantil”, “Hora do Acre”, “Hora do Povo”, entre outros.

Atualmente há quatro grandes jornais diários em circulação na capital. “O Rio Branco”, fundado em 20 de abril de 1969; “A Gazeta” criada no dia 30 de setembro de 1978 com o nome “A Gazeta do Acre”, “A Tribuna”, de 1993 e o jornal “ Página 20”, surgido no dia 5 de março de 1995 e pioneiro na publicação de suas edições na internet.

Jornal A Tribuna: um jornal que não se dobra

No dia 15 de março de 1993, sob o comando do empresário Ely Assem de Carvalho, em sociedade com o jornalista Antônio Stélio, nasceu o jornal “A Tribuna”, inicialmente projetado para ser quinzenal e custando dez mil cruzeiros⁵. Com matérias feitas em sistema de *freelance*⁶, *A Tribuna* contou com grandes nomes do jornalismo acreano que colaboraram durante as primeiras edições do jornal. Um desses foi o lendário José Chalub Leite, que já na primeira edição escreveu uma matéria extensa intitulada: “A imprensa acreana existe há 90 anos e hoje vive uma fase de plena decadência”, falando sobre os problemas que o jornalismo impresso acreano vinha enfrentando.

A capa desta mesma edição trazia como uma das matérias principais, acusações contra o prefeito da época Jorge Viana, feitas por funcionários públicos. Outro destaque era a manchete “Obra suspeita de ter sido superfaturada”, que trazia uma denúncia sobre o superfaturamento da duplicação da rua que atravessa a vila Custódio Freire. A primeira edição também trouxe uma entrevista exclusiva com a viúva do ex-governador

⁴ O nome off-set - "fora do lugar" - vem do fato da impressão ser indireta, ou seja, a tinta passa por um cilindro intermediário, antes de atingir a superfície. Este método tornou-se principal na impressão de grandes tiragens.

⁵ Hoje, equivalente a cinquenta centavos)

⁶ Sistema que se utiliza de profissionais autônomos, sem vínculos com a empresa.

Edmundo Pinto morto em 17 de maio de 1992, Fátima Barbosa de Almeida. Com o título “PC pode estar envolvido na morte de Edmundo”, a matéria de duas páginas trazia à tona as suposições da ex-primeira dama sobre o assassinado de seu marido.

Também nesta primeira edição, *A Tribuna* inovou graficamente. O formato era o tablóide. Na capa e contracapa, destaques em azul e no interior, matérias sobre cultura, geral, política, comportamento, esportes, polícia, charges, lazer entre outros, distribuídas ao longo das dezesseis páginas. A linha editorial era outro destaque. A atual editora-chefe do jornal, Alessandra Machado, comentou em entrevista, que na época o objetivo era ser o mais parcial possível e levar ao leitor um veículo de comunicação em que ele pudesse confiar. Afirmção confirmada na página cinco da edição um que trazia os dizeres: “Jornal *A Tribuna*. Um jornal que não se dobra. Um quinzenário que mostra os dois lados da notícia. A tribuna de denúncias da população. A imparcialidade em primeiro lugar” (A TRIBUNA, 1993, p.5).

Durante as primeiras edições, o jornal trouxe muitas matérias sobre problemas nos bairros, nos hospitais e nas repartições públicas. Na terceira edição uma grave denúncia de prostituição infantil estampou a capa e na mesma edição havia ainda acusações contra o governo da época que segundo o jornal “iria gastar muito em obras como a duplicação da estrada Dias Martins e o reservatório de água do bairro das Placas”.

O Acre em 1993: um estado em mudança

“ O ano da virada”. Este era o *slogan* do governo do Acre em 1993, encabeçado pelo governador Romildo Magalhães que assumiu o mandato após o assassinato de seu antecessor Edmundo Pinto. Neste ano os acreanos ainda tentavam entender tal assassinato. Enquanto isso, o governo estadual prometia uma verdadeira “virada” na história do Acre. Muitas obras foram inauguradas. Algumas delas polêmicas como as passarelas vermelhas do conjunto Tucumã e a duplicação da estrada Dias Martins. Outras foram bem aceitas pela população como o “Sopão”, popularmente conhecido como “Sopão enche o bucho”, distribuído para as comunidades carentes.

Na esfera municipal, o prefeito Jorge Viana embelezava a capital com a plantação das famosas margaridas, que marcaram o seu mandato. Sua administração (de 1993 a 1996) reaproximou o poder público municipal da comunidade, recuperando espaços urbanos, melhorando serviços de saúde e a educação, com um salto de

qualidade no ensino fundamental. Viana trabalhou na recuperação de meninos e meninas de rua, implantou uma lei de incentivo à cultura e criou a política de pólos agro-florestais, experiência posteriormente premiada pela Fundação Getúlio Vargas como uma das mais interessantes ocorridas naquele quadriênio. Ao final de seu mandato como prefeito, Jorge Viana tinha mais de 85% de aprovação da sociedade.

A imprensa acreana em 1993 passava por uma época de tensões políticas e muita dependência do governo local. O próprio José Chalub Leite demonstrou o seu descontentamento com a situação do jornalismo no Acre, na citada matéria da primeira edição do jornal *A Tribuna*.

Numa avaliação da imprensa atual, podemos asseverar ter ela perdido sua independência, textualmente é pobre, em que pese toda uma estrutura gráfica com a qual nossos avoengos nunca sonharam. Quase tudo é composto via computador, imensas rotativas imprimem em minutos jornais que as pesadas e vagarosas Heldelberg, Marinoni ou Planeta levavam horas. As linotipos foram substituídas pelas avançadíssimas fotocompositoras que dividem as palavras silabicamente, o sistema off-set significa um diário limpo e de alta definição gráfica. Mas... falta o homem que pensa, cria. Sabe escrever, produz a idéia que fascina e deleita o leitor. (...). Os tempos mudaram, os jornalistas de hoje têm muita pressa de “fechar” o jornal e cuidar de bicos governamentais. Mantemos esperança de o Acre, mais dia menos dias, possa constituir-se forte também na imprensa, esta com independência, sobranceira coragem e determinação de lutar pelas boas causas, seguindo aquele ditame de Timóteo: *Combati o bom combate, acabei minha carreira, guardei a fé. Do resto me está reservada a coroa de justiça que o Senhor, justo juiz, me dará no dia de sua vinda.* (LEITE, 1993).

As diferentes fases do Jornal A Tribuna

Nas edições seguintes o jornal trouxe aos leitores um acompanhamento do desenrolar da morte do ex-governador Edmundo Pinto, morto em 1992. Mas não deixou de trazer denúncias sobre o abandono das periferias de Rio Branco, por parte da prefeitura. Outros destaques foram as matérias sobre a falta de recursos do Lar dos Vicentinos, a superlotação da maternidade Bárbara Heliodora e a pirataria das fitas de vídeo. Todos estes são casos que continuam a acontecer nos dias de hoje. As matérias de comportamento eram outra atração do jornal. Produzidas pela jornalista Raquel Silva, falavam sobre diversos temas como: traição, sexualidade e disputas entre homens e mulheres. Na edição 11, o irreverente jornalista Antônio Klemer, inovou com a criação da “Kalúnia Social” que criticava de maneira bem-humorada o colunismo social acreano.

Quem troca de data nesta semana e colhe mais uma jaca no pomar de sua existência, é o mais querido dos senadores Aluízio Bezerra. Para não deixar essa magna data passar em branco, o empresário Narciso Mendes dedicará-lhe á neste sábado alguns minutos com Judson Lacerda, no Chicote do Povo. Chico Perde.

As páginas policiais, como em todos os outros jornais em circulação da época eram apelativas. Fotos de pessoas mortas, até mesmo crianças, eram utilizadas sem nenhum critério e as manchetes em cor vermelha chamavam a atenção do leitor para as tragédias da capital. Talvez esse foi um dos maiores diferenciais do jornal na década de 90 para a atualidade. As matérias policiais eram muito mais exploradas e preenchiam muitas páginas do jornal. Assassinatos, suicídios, estupros, brigas, acidentes de trânsito, rebeliões em presídios, tudo era relatado com detalhes e com fotos chocantes e assustadoras. O proprietário do jornal, Ely Assem de Carvalho, explicou em entrevista que na época todos os jornais eram menos institucionais, e *A Tribuna* pretendia expor a realidade do cotidiano dos acreanos.

No segundo ano do jornal, mais especificamente na edição 62, de 18 a 24 de julho, com a mudança do plano Cruzeiro Real para o Real, o jornal passou a custar R\$ 0.50. Meses depois, em janeiro de 1995, a 90ª edição custava R\$0.70 e em setembro do mesmo ano se estabeleceu em R\$ 1.00.

O ano de 1995, também marcou a história do jornal, com a coluna “Tão Acre”, do “editor seringueiro”, como ele se autodenominava, José Chalub Leite. Com o slogan “o humor acreano de todos os tempos”, Chalub presenteava os leitores com textos divertidos e sempre muito inteligentes, do que se pode dizer que seria uma prévia dos blogs de humor que povoam a internet atualmente. A coluna satirizava os políticos da época, apresentava denúncias bem-humoradas, fotos e a “paremiografia”: frases de personalidades famosas e de desconhecidos. Outra atração eram as notas do jornalista. Na primeira edição da coluna, Chalub escreveu uma pequena reflexão que dizia:

Coisas manjadas. Acredita quem quer em: estoque no fim; a pedidos; liquidação para mudança de negócio; suaves prestações mensais; entrar sem bater; o secretário está em reunião; inglês em trinta dias; comida caseira de restaurante; político sem demagogia e morrer com saúde.

Ainda em 1995 o jornal passou a ser dividido em dois cadernos. O primeiro com notícias políticas, gerais, policiais e os fatos mais importantes dos municípios, e o segundo com serviços, como telefones de emergência, classificados, mensagens natalinas, horóscopo e matérias culturais. A jornalista Alessandra Machado, atual

editora-chefe, participa do jornal desde a nona edição e fala sobre a diferença entre fazer um jornal em 1993 e em 2007.

Apesar de já estarmos na época em uma década avançada tecnologicamente, ainda havia muitas dificuldades. Uma delas era a diagramação. Naquele ano nosso diagramador era o jornalista Jefson Dourado, hoje gerente de jornalismo da TV Acre, e a diagramação era feita na régua. O jornal era montado através de colagens e dava muito trabalho (MACHADO, 2008, entrevista).

Além das dificuldades estruturais havia a perseguição política. O Acre vivia um clima tenso, devido o assassinato de um de seus governadores mais bem aceitos. Esta situação só pioraria com as mortes brutais praticadas pelo esquadrão da morte entre 1997 e 1999, responsabilizado pela tortura e morte de mais de 30 pessoas. Uma dessas perseguições foi quando em 1994, o então presidente da extinta Sanacre (Companhia de Saneamento do Estado do Acre), Carlos Airton Magalhães, enfurecido com uma matéria que estava sendo elaborada pelo editor-chefe Antônio Stélio, sobre corrupções dentro da empresa, foi até a sede do jornal junto com outros “capangas” e levou todas as edições do jornal e equipamentos da gráfica. Assem ainda sofreu agressões verbais, físicas e ameaças de morte. Toda a equipe do *A Tribuna* ficou sem trabalhar durante três dias. Após o acontecido a sociedade entre Assem e Stélio foi desfeita e o jornalista Mário Emílio assumiu a editoria do jornal. Também em 1994 o jornal fechou durante dois meses, por motivos financeiros.

Com a posse do novo governador acreano, Orleir Cameli, em 1995, o jornal passou a cobrir diariamente diversos escândalos políticos. Com o slogan *Pode cobrar*, em menos de um ano no poder, Cameli se envolveu numa série de escândalos e atos de corrupção. Tentou ceder em regime de comodato por 10 anos uma parte do Acre (área de maior concentração de mogno do planeta, em Sena Madureira) em troca de um financiamento de US\$ 165 milhões com a empresa Mobil Ami, da Colômbia; foi denunciado por trabalho escravo em suas terras e pelo uso de duas carteiras e múltiplos Cpf. Também foi em seu governo que a Polícia Federal (PF) apreendeu no aeroporto de Cumbica, em São Paulo, um Boeing carregado de contrabando. Devido a esses e outros escândalos, Cameli passou a responder por vários processos.

No ano seguinte, muitas mudanças começaram acontecer. Com o advento das novas tecnologias que se expandiam em todo o mundo, entre elas a explosão da *internet*, o jornal passou a ser informatizado e sua circulação passou a ser diária a partir da edição 168, do dia 13 de agosto de 1996.

Em 1997, Alessandra Machado assumiu a editoria do jornal, devido a prisão do editor-chefe anterior Mário Emílio Bolívar Malachias. O jornalista foi preso em dezembro de 1996, em um motel de Rio Branco, acompanhado por três meninas de 12, 15 e 16 anos. Mário Emílio foi condenado, por pedofilia, a cinco anos e três meses de prisão. Cumpriu oito meses e após interpor recurso foi absolvido, em outubro de 1997, pela Câmara Criminal do Tribunal de Justiça do Acre. Na época da sua prisão, comandou de dentro do presídio o novo design gráfico e o novo *layout* do jornal, que desde a edição 118 passou a ser mais estreito e em novo formato : o *standart*.

No mesmo ano, grandes tragédias abalaram o estado, como a alagação de fevereiro, que atingiu 38 mil pessoas em 24 bairros e deixou sete mil desabrigados; e o assassinato da menina Jéssica Brígido, que abalou toda a sociedade. Ambos os acontecimentos foram acompanhados pelo jornal, que trouxe, na mesma época, fascículos sobre a Revolução Acreana. Foram onze fascículos escritos pelo historiador Marcos Vinícius em parceria com a Universidade Federal do Acre, recheados de fatos históricos antes desconhecidos pela população.

Na edição do dia 26 de março de 1997, o destaque foi para o brutal assassinato da menina Jéssica Brígido, de apenas quatro anos. O jornal trouxe uma matéria de duas páginas sobre o caso que chocou os acreanos. Jéssica foi estuprada e estrangulada por dois homens que estavam bebendo em companhia do pai da menina. A matéria trouxe também uma enquete com a população sobre a pena de morte para casos como este e mostrou ainda fotos chocantes da menina morta em um matagal.

Em 1998 o periódico sofreu algumas mudanças, entre eles a admissão do jornalista Paulo Henrique Nascimento, responsável pela editoria de esportes, antes feita por J. Edson. No mesmo ano, Jorge Viana ganhou as eleições para o governo estadual, e a esquerda passou a comandar o estado. Tal fato traria profundas mudanças na imprensa acreana.

Jorge Viana assumiu o governo dia 1º de janeiro de 1999 com o desafio de viabilizar uma política de desenvolvimento baseada na utilização racional e sustentada dos recursos naturais do Estado, de forma a compatibilizar um melhor desempenho econômico e social com uma estratégia de preservação dos recursos naturais para as gerações futuras. Surgiu aí o termo "Florestania", cuja tradução mais simplificada e eficiente é a cidadania dos povos da floresta.

Além de sua visão de futuro, da preocupação com a sustentabilidade política,

econômica, social, ambiental e cultural, seu governo teve a difícil tarefa de reestruturar completamente o estado, que havia sido destruído nas duas décadas anteriores. Recuperou as finanças públicas e passou a pagar em dia os salários dos funcionários que estavam meses atrasados. Resgatou a credibilidade do estado junto a organismos financiadores de dentro e de fora do Brasil, habilitando o Acre para fazer convênios e obter empréstimos que antes estava impossibilitado e ainda reconstruiu a rede física do poder público.

Todo esse período é plenamente documentado pelo jornal, que passa a ser mais institucional e passa também a dar mais destaques para os acontecimentos políticos, entre eles as diversas obras inauguradas no governo petista como, o Parque da Maternidade, e o desmonte dos grupos de extermínio que dominaram o Acre durante uma década. Ainda em 1999 o segundo caderno do jornal passa a ser chamar “Arte Final”, e contava com crônicas sobre atualidades, assinadas pelo jornalista Pheyndews Carvalho. Outra mudança veio na coluna social, com a “Coluna do How”, assinada por Eisenhower Campos, o popular How Campos, que deu novo impulso e prestígio ao colunismo social do Acre.

Jornal A Tribuna e o século XXI

Com a chegada do ano 2000, o jornal *A Tribuna* ganhou uma nova coluna chamada “Bom Dia”. Nesta coluna não assinada, diversos jornalistas e colaboradores, entre eles o proprietário do jornal Ely Assem, comentavam fatos principalmente políticos ou econômicos, relacionados ao estado. A coluna existe até hoje e continua com seu foco político.

Já a página três do jornal, se tornou “Primeiro Plano”, e é focada atualmente, nos principais acontecimentos do dia, as chamadas matérias “quentes”. Outra mudança ocorreu na página onze dedicada exclusivamente a informações sobre concursos e empregos. Dois anos depois, em 2003 o periódico sofreu nova alteração de preço e passou a custar R\$ 1,50, preço que permanece atualmente⁷.

Além de todas essas mudanças, o século XXI trouxe uma grave crise em todo o mundo para os jornais impressos, devido o crescimento dos sites dedicados a notícias na internet. No Acre não foi diferente e com isso os jornais passaram a depender da publicidade para ter lucros. A publicidade, a partir da Revolução Industrial, passou a ser um dos grandes condutores para o sucesso dos jornais impressos. Era ela quem

⁷ Dados de 2008.

praticamente sustentava as despesas dos jornais, pois, somente em 1890, que os jornais atingiram o auge de sua popularidade e mesmo assim a publicidade sempre terá seu espaço reservado. O jornalista Clóvis Rossi em seu livro “*O que é jornalismo?*” comenta como os jornais cada vez mais, são comandados por “anunciantes” e não por sua função principal que é a notícia.

Cada jornal publica não tudo aquilo que ocorre no mundo, mas apenas aquilo que cabe no espaço destinado à informação (nos grandes jornais esse espaço varia de 40 a 60 % do total de páginas de cada edição; o restante é preenchido pela publicidade. E a não ser em circunstâncias excepcionais, ou seja, quando há um acontecimento extraordinário a ser noticiado, é a publicidade e não a redação que comanda o total de páginas com que será publicado o jornal: um grande volume de anúncios traz consigo um relativo aumento no número de páginas, mas um grande volume de notícias não tem a mesma consequência, a não ser, repito, no caso de um assunto de extraordinária importância). (ROSSI, 2005, p 29 e 30).

No jornal *A Tribuna* essa realidade ainda impera. O jornal sobrevive quase que exclusivamente da publicidade, especialmente a governamental. De acordo com a editora-chefe, Alessandra Machado, a tiragem em 1993 era de mil e quinhentos jornais, em 2000 passou a ser de 800. Em 2007 não chegou nem mesmo a 500 exemplares por dia. Algo irrisório para uma cidade com a população estimada em 350 mil habitantes.

Considerações Finais

Ao longo deste trabalho foi procurado conhecer e entender um pouco da história do jornal *A Tribuna* e sua importância para o jornalismo do Acre. Apesar dos jornais impressos acreanos possuírem uma imagem de jornais institucionais, que defendem apenas os interesses políticos, e apesar de perderem aos poucos o prestígio e a credibilidade entre a sociedade, é preciso compreender que cada um dos quatro jornais diários que circulam na capital teve grande importância para o crescimento da imprensa acreana.

O jornal *A Tribuna* foi o celeiro de grandes nomes do jornalismo acreano, como José Chalub Leite, que consolidou sua trajetória de sucesso nas páginas deste periódico. Além disso, *A Tribuna* teve grande importância no registro de fatos marcantes da história do Acre, já que foi criado em um ano onde acontecimentos políticos e econômicos balançavam o estado: como o assassinato do ex-governador Edmundo Pinto e a prisão de diversos membros do esquadrão da morte, que repercutiu nacionalmente.

Outra grande contribuição do jornal foi sua inovação gráfica. Com uma

diagramação alinhada à esquerda e colunas não fixas, o jornal apresentou uma nova proposta de *layout* para seus leitores. A página de concursos e ofertas de empregos também inovou o oferecimento de serviços para a população. Sendo assim, *A Tribuna* ao longo de seus 14⁸ anos de existência faz parte da história do jornalismo impresso acreano e sua importância como um dos jornais diários mais lidos da capital não pode ser negada.

Quanto ao seu futuro, de acordo com a própria direção do jornal, é incerto. Assim como no Brasil, a morte dos jornais “de papel” vem sendo decretada há anos, no Acre não é diferente. Porém, uma convergência para o jornalismo *online* pode ser uma solução. Atualmente, as matérias principais são publicadas na internet, mas não há previsão para mais investimentos nesta área. Seja qual for seu futuro, sua trajetória foi e é importante na construção do novo jornalismo acreano. Noblat (2004) comenta que: “(...) Pouco importa a forma que os jornais venham a tomar no futuro, pouco importa se alguns deles acabarão preservados como espécies de relíquias - o homem sempre precisará de informações”.

Referências

- ADORNO, Theodor. **Indústria Cultural e Sociedade**; seleção de textos Jorge Mattos Brito de Almeida; traduzido por Julia Elisabeth Levy. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- BISTANE, Luciana.; BACELLAR, L. **Jornalismo de TV**. São Paulo: Contexto, 2005.
- COELHO, Teixeira. **O que é Indústria Cultural**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- DEFLEUR, Melvin L. **Teorias da Comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**.5.ed. São Paulo: Ática, 2005.
- LAGE, Nilson. **Linguagem Jornalística**. São Paulo: Ática, 2001.
- NATALI, João Batista. **Jornalismo Internacional**. São Paulo: Contexto, 2004.
- NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2004

⁸ Dados de 2008.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV – Manual de Telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo?**. 10.ed. São Paulo: Brasiliense, 2005.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

JORNAIS

A TRIBUNA. Rio Branco: Ano I Edições N°. 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 13, 24, 30, 34 e 37.

A TRIBUNA. Rio Branco: Ano II Edições N°. 62, 88,90, 113, 118, 127 e 128; Ano III Edições N°. 168 e 286; Ano VII Edições N°. 1114, 1119, 1137 e 1158; Ano VIII Edições N°. 1201 e 1453; Ano X Edições N°. 2029 e 2044; Ano XI Edições N°. 2327; Ano XV Edições N°. 3452.

SITES

ANTUNES, AMÉRICO. **Relatório final do 5º Congresso Internacional do Jornalismo de Língua Portuguesa**. Disponível em <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/mu05072000.htm>. Acesso em: 15 jan, 2008

ARAÚJO, Chico. **Ex-governador do Acre recebe *honoris causa* após condenação**. Disponível em <http://www.agenciaamazonia.com.br/> Acesso em: 17 dez, 2007.

ASSIS, Francisco. **História do Jornalismo no Brasil**. Disponível em: <http://www.velhosamigos.com.br/DatasEspeciais/diajornalismo.html/>. Acesso em 3 dez 2007.

GUIMARÃES, THIAGO. **Acusado de abusar de meninas entra em coma e é internado em BH**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u88951.shtml/>. Acesso em 16 dez, 2007.

LEITE, José Chalub. A imprensa Acreana existe há 90 anos e hoje vive em plena decadência. *Jornal A Tribuna*, 15 mar. 1993. Memória, p.12.

O surgimento do jornalismo impresso. Disponível em: http://www.facom.ufba.br/com112_2001_2/buracodaimprensa/subhistimp.htm. Acesso em: 18 dez, 2007

Imprensa. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Imprensa>. Acesso em: 17 dez, 2007.

O jornalismo no Brasil. Disponível em: <http://www.geocities.com/caca4565/> Acesso em: 28 dez, 2007.

José Chalub Leite. Disponível em http://www.sinjac.com.br/chalub/c_2007/chalub_leite.htm. Acesso em 28 dez, 2007.

ENTREVISTAS

MACHADO, Alessandra. Rio Branco, 17 dez. 2008. Entrevista concedida a Tatyana Lima.

ASSEM, Ely. Rio Branco, 17 dez. 2008. Entrevista concedida a Tatyana Lima.

DOCUMENTOS

SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM. **Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Brasília, 2006. CD-ROM.